

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL

INSTITUTO DE ARTES

DEPARTAMENTO DE ARTE DRAMÁTICA

TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO

TRAVESSIAS DA METAMORFOSE: CARTAS AO JOVEM GREGOR -
uma pedagogia poética da autoficção

Jordan Maia da Silva Padilha

Porto Alegre, dezembro de
2019

JORDAN MAIA DA SILVA PADILHA

TRAVESSIAS DA METAMORFOSE: CARTAS AO JOVEM GREGOR -
uma pedagogia poética da autoficção

Trabalho de Conclusão de Curso em Licenciatura em Teatro apresentado no Painel de Licenciatura do Departamento de Arte Dramática como requisito à obtenção do título de Licenciado em Teatro.

Orientadora: Prof.ª Dr.ª Sílvia Balestreri
Co-Orientador: Domenico Ban Jr.

Porto Alegre
2019

METAMORPHOSIS DA METAMORFOSE DA METAMORPHOSIS DA mETamorfoSE... infinda...,
e tratada com contundência,
mas, também, com infinita delicadeza pelo IN-Coletivo Cênico nos arroja na
vertigem, na benção e na maldição da trans-formação.

É a própria METAMORPHOSIS da METamorfoSE que nos toma pela mão e nos
conduz, primorosamente, ao centro mesmo da ebulição, da erupção vulcânica (e
sumamente perigosa, ameaçada) dos corpos, das subjetividades, e do próprio
lugar no mundo, esse lugar estranho, arriscado, instável: o nosso
impermanente lugar.

Mesac Jr.

Dedico este trabalho à memória de Maria Erocilda Mariano Maia, bisavó que sinto profundas saudades.

AGRADECIMENTOS

À escrita do trabalho acadêmico, empreitada solitária.

Mesmo amparado por professores incentivadores, colegas entusiasmados e uma orientadora experiente, no fim das contas, estamos sempre sozinhos.

É preciso coragem para enfrentar o espaço infinito que se interpõe entre você e a página em branco.

As pessoas que aqui agradeço, deixaram importantes contribuições na trajetória deste trabalho.

Agradeço à minha orientadora, Prof.^a Dr.^a Sílvia Balestreri, por sua paciência, confiança e incentivo. Também sou muito grato ao Domenico Ban Jr., pela cuidadosa co-orientação.

Agradeço minha família, em especial minha mãe, por sempre incentivar aos estudos e me apoiar durante esta caminhada com amor.

Agradeço aos meus filhos Nicole Maia e Jhonatan Rodrigues. Que vocês saibam que, nos meus momentos mais difíceis, sempre busco força no amor que sinto por vocês.

Também agradeço a Silvania Rodrigues, pela parceria e paciência de sempre, e pelo presente que é a paternidade.

Ao IN-Coletivo Cênico, Carolina Garcia, Cristiane Werlang, Clarissa Siste, Thiago Ruffoni e Luana Pasquimel, grupo que aos pouco está construindo sua estrada.

Gratidão a todos os meus amigos, pertos e distantes, que deixam meus dias mais coloridos.

Agradeço aos amores e desamores por me fazerem se sentir vivo.

Agradeço à vida.

RESUMO

Este é um trabalho poético-pedagógico a partir das experiências do docente com o personagem Gregor, da obra A Metamorfose de Franz Kafka, através do espetáculo teatral Metamorphosis, e de encontros teatrais com os adolescentes da FASE (Fundação de Apoio Sócio Educativo). Cartas escritas ao protagonista da obra, uma busca pedagógica, explorando as possibilidades do teatro como um recurso poético, com as próprias experimentações [criações] de si e do mundo. Cartas e ensaios, uma autoficção. *Nós somos aquilo que relatamos e contamos, isto é, somos nossos relatos. A vida real representada, encenada, o trauma como plano de fundo para a memória e a imaginação de tudo que poderia ter sido e não foi.*

Palavras-chave: Teatro, Literatura, Pedagogia Teatral, Poesia, A Metamorfose, Kafka, Psicanálise, Nietzsche

ABSTRACT

This is a poetic-pedagogical work based on the teacher's experiences with the character Gregor, Franz Kafka's *The Metamorphosis*, through the *Metamorphosis* theatrical show, and theatrical encounters with the teenagers from FASE (Fundação Socio Educativo Support). Letters written to the protagonist of the work, a pedagogical search, exploring the possibilities of the theater as a poetic resource, with their own experimentations [creations] of themselves and the world. Letters and essays, a self-fiction. *We are what we report and tell, that is, we are our reports. Real life represented, staged, trauma as the background for the memory and imagination of all that could have been and was not.*

Keywords: Theatre, Literature, Theatrical Pedagogy, Poem, *The Metamorphosis*, Kafka, Psychoanalysis, Nietzsche

EXOESQUELETO (SUMÁRIO)

PRÓLOGO.....	09
CARTA 1..... Podre por dentro	10
CARTA 2..... Para a solidão	14
CARTA 3..... Gregors, Baratas da FASE	21
CARTA 4..... Fome de Vida ou Morte	32
CARTA 5..... Para o tempo	38
CARTA 6..... Para o amor	44
CARTA 7..... Para a morte	48
CARTA 8..... A última carta	51
REFERENCIAL POÉTICO.....	55
ANEXO I..... METAMORPHOSIS - Versão Dramatúrgica Descritiva	56
ANEXO II..... Espetáculo METAMORPHOSIS - Divulgação	76

PRÓLOGO

Numa manhã, ao despertar de sonhos inquietantes, Gregório Samsa deu por si na cama transformado num gigantesco inseto. Estava deitado sobre o dorso, tão duro que parecia revestido de metal, e, ao levantar um pouco a cabeça, divisou o arredondado ventre castanho dividido em duros segmentos arqueados, sobre o qual a colcha dificilmente mantinha a posição e estava a ponto de escorregar. Comparadas com o resto do corpo, as inúmeras pernas, que eram miseravelmente finas, agitavam-se desesperadamente diante de seus olhos. Que me aconteceu? – pensou. Não era nenhum sonho. O quarto, um vulgar quarto humano, apenas bastante acanhado, ali estava, como de costume, entre as quatro paredes que lhe eram familiares. “

Franz Kafka - A Metamorfose

Caro leitor;

Este TCC não é dirigido só a comunidade acadêmica, pesquisadores de Kafka e curiosos “...mas aos que alguma vez já desconfiaram que essa vida morna e tola que nos é oferecida e alardeada como a única possível, desejável e saudável esconde outras tantas. Cujas beleza e tentação cabe reinventar.” (PETER, 1956, p. 13)

Um trabalho poético-pedagógico a partir de devaneios e travessias das experiências do docente com o eu-personagem, uma autoficção, um compilado de emoções criadoras, uma tentativa de encorajamento para a fome de vida, acerca do estranho, do maravilhoso, do inexplicável e do que nos pode defrontar.

Eu fiz essas perguntas a outros Gregors, cai em outros bueiros, conheci outros cárceres! As perguntas estão nas cartas...as respostas podem estar em você.

KAFKKKK QUE RI. AS BARATAS VOAM.

Boa Metamorfose!!!

Porto Alegre, num bueiro (quarto) escuro,

maio de 2019.

Carta 1

Podre por dentro

Aproveito este primeiro momento de luz para cumprimentá-lo,

Perdoe-me, estou um tempo indisposto, morto em vida.

Custa me escrever e assim o senhor deve

tomar estas poucas linhas como se fossem muito mais,

há dias penso em lhe escrever depois de tudo que aconteceu

Opa! Entrei numa travessia aqui.

Gregor, oi vamos começar a travessia?

Acho que vamos trocar de pele, não?

Eu vou usar tua pele.

Você está podre por dentro,

é o lixo da humanidade, aliás você come a humanidade

carne putrefata

boca denteada e mandíbulas fortes

te escrevo não numa tentativa de salvá-lo

Te escrevo porque quero te mostrar a vida, enxerga?

Você não consegue se me mexer,
Ou não quer?
Que pele é essa que usamos
Que casca você se esconde ao despertar
Com o coração parecendo um cimento.
Gregor
Você ocupou o meu corpo
Você ocupou a minha voz
Você sugou o meu amor
E leva minha alma aos poucos
Você quer brincar de quê?

Acordar, despertar para o peso do mundo
Não querer mostrar esse caos aqui dentro desse exoesqueleto
Todo instante me transformo
É dolorido fingir o que sinto
É dolorido segurar essa caos
não peça desculpas por se sentir um inseto,
você só precisa entrar nesse mundo
E fazer parte dele

Sai de baixo desse bueiro, desse quarto escuro Samsa

O mundo tá aqui fora

É árduo enfrentá-lo

Mas você consegue

Eu rezo para não te ouvir mais,

Nem os teus sussurros

Penso muito,

Pensamentos que me agoniam o tempo todo

Nunca cessa

Não acho paz

Não consigo

Estar

Comigo e nem com outro

É difícil aguentar o mundo sóbrio

Gregor, fala comigo

Sabe onde isso vai nos levar?

Para o pântano

Porque nos sentimos

Tão rejeitados

Não sabia estar em transição?

Desejava algo melhor do que transformar-se?

Lixo, lixo, lixo, lixo, lixo

O lixo ao luar exala um cheiro adorável

Você não será meu inseto?

Gregor,

Nos esforçamos para viver

Ou nos esforçamos para morrer

A decisão é sua, é nossa!

Todos os seus desejos estão prontos a acompanhá-lo

E minha confiança está consigo.

Seu

Jordan Maia

Praga, numa ladeira escura
junho de 2019.

Carta 2

Para a solidão

Meu caro Sr. Samsa,

Decorreu muito tempo desde que escrevi a última carta.

Quero outra vez conversar consigo

Quero escrever para as abstrações

O tempo

O amor

A morte

Ansiamos por amor

Desejamos mais tempo

Tememos a morte

Não deveria eu, com apaixonada violência,

Dar a vida a forma mais divina?

Disse Fausto

Escrevo no meu confinamento

Trancado

Sem sair

Sem fugir de mim

Agonia incessante

Vazio

fuga para

Longe das multidões

E das luzes das cidades

É tão profundo

Vamos pro fundo?

Vastidão

Silêncio

E céu

Hão de curar-nos

Tenha paciência com tudo

O que há para resolver em seu coração

E procura amar

As próprias perguntas

Como quartos fechados

Ou livros escritos num idioma muito estrangeiro

Não busque

Por enquanto

Respostas que não lhe podem ser dadas

Porque

Não as poderia viver

Pois trata-se

Precisamente

De viver tudo

Viva por enquanto

As perguntas

Talvez depois, aos poucos, sem que perceba

Num dia longínquo,

Consiga viver a resposta

Criar

Moldar

De maneira

Feliz

E

Pura

Ame

A

Solidão

E carregue com

Queixas harmoniosas

A dor que ela

Lhe causa

Alegre-se com a solidão

Há uma solidão só: é grande e difícil de se carregar

Quase todos,

Em certas horas,

Gostaria de trocá-la por uma comunhão qualquer,

Por mais banal e BARATA que fosse;

Por uma aparência de acordo

Insignificante

Com quem quer que seja;

Com a pessoa mais indigna

Mas talvez sejam estas,

Justamente,

As horas em que ela cresce, pois o seu crescimento

É doloroso

Como o de um menino

E triste

Como o começo das primaveras.

Mas tudo isso não o deve desorientar

O que se torna preciso,

É no entanto isto: solidão, uma grande solidão interior.

Entrar em si mesmo, não encontrar ninguém durante horas

Eis o que se deve saber

Alcançar

Preste atenção no que nasce dentro de si

E colocá-lo acima de tudo

O que observar ao redor

Os seus acontecimentos interiores

Merecem

Todo o seu amor;

Neles de certa maneira

Deve trabalhar

E não perder demasiado tempo

E coragem

Em esclarecer suas relações

Com os homens

Aliás, quem lhe diz que as tem?

Suportar as tristezas
Com maior confiança que
Nossas alegrias
São, como efeito,
Esses momentos
Em que algo de novo
Entra em nós, algo de ignoto:
Nosso sentimento emudecem
Com embaraçosa timidez,
Tudo em nós
Recua,
Levanta-se um silêncio
E a novidade,
Que ninguém conhece, se ergue aí,
Calada,
No meio.

Seja corajoso
Em face do estranho
Do maravilhoso
Do inexplicável
Que se nos pode
Defrontar

O próximo momento pode

Ser

O último

Aí continuo a falar-lhe da vida e da morte,

A dizer-lhe que ambas são grandes e esplêndidas.

Fique alegre e tranquilo

Seu

Jordan Maia

Padre Cacique, outros Gregors

julho de 2019.

Carta 3

Gregors, barata da FASE

Querido Samsa,

Conheci outros nós,

Por isso te escrevo novamente

To digitando

Rápido

Tudo nervoso

E errad

Parece q a máquina ta me teclando

Gregors

Dos besouros que um dia acordaram

transformados em meninos

Ansiava por me juntar a eles, queria apresentá-lo

Entrelaçar seus traços ao deles

Meio poetas
Meio pintores
Meio cantarolantes de belas músicas
Meio intérpretes
Exibidores de si mesmos
E marionetes
Honestos com o instante
Chupadores de certezas
E cuspidores de questões
Película viva a flor
da sociedade
Incontestavelmente inadaptados
Inquietos com sua vagabundagem
E pacientes como empalhadores de cadeiras
Invisíveis
Insetos

Fugas, detenções, miséria, temor, revolta, asilo, depressão
Exasperação de insetos machucados por condições sociais
Intoleravelmente
Desonestas e as
Impaciências de crianças
Oprimidas por uma sociedade

Desajeitada

Por trás das paredes do seus mundos

Querem sentir o ar

Respiram

Deixar esse pássaro azul

Sair do peito

Libertem-se

Nas suas paredes solitárias, nos cárceres

Mudaram a maneira que eu sinto

E eu

Ainda estou

Parado

Eles estão em movimento

Dizem:

Angústias, medos, indagações, sonhos, desejos

A vida lá fora

É tudo muito

Diferente

Lá tudo é real

Não é um teste

Falei de você
Do esgoto que se encontra
Como eles
Que também se sente igual
Tenta ultrapassar os medos
Que perseguem
Uma voz que grita aqui dentro
Dentro da nossa cabeça
Onde mais podemos ir?
Vamos para a luz?
Onde mais podemos ir?

Sonho
É um
Teatro
Íntimo

Recurso poético
Com as próprias projeções
De si
E do
mundo

o mundo é logo ali
vagalumes que não voam
viram favelas
distantes
vagalumes que não morrem
pertencem
a outro
lugar

insetos presos
só
deseja
desejos

eles têm
fome
de vida
de
liberdade

eles escrevem na parede

nomes para um amor inventado

rosas que viam

na solidão

o tédio

no teto

da janela

dava para ver

o calor que agitam

os

gregors

as árvores

que refrescavam

o humor

os livros

e finalmente

uns

aos

outros

a esperança é um dom que temos

expurgar e transformar

rastrear potências

o gosto do recomeço

bichos

voando por aí

procurando

outro caminho a seguir

correm

correm

de si mesmos

não mais

se nos perdemos de si

perdemos

tudo

somos partes

do que não queremos

vou te falar

eles não querem

morrer

querem

que a dor passe

fomes psicológicas

veneno de barata

como falar sobre isso com que te ama?

Como falar sobre isso com quem ama você?

Vamos sair do escuro

Vamos nos ver

Para ver o fim

Até o

Fim

Nós te convidamos

Gregor

Não seremos

Mais insetos

O esgoto

Pode ser bom

Mas

Não

Para

Sempre

Vamos ver essas

Crianças

Brincando
Na rua
Como
Se fosse
Um quintal
Todas as cores
Escondidas nas nuvens
Da rotina
Pra gente ver
Por entre nós
E os prédios
Que
Ainda
Existe
Céu

Eis tudo que posso lhe dizer hoje,
estamos juntos
estando sozinhos
somos vagalumes grandiosos, baratas de FASE
o futuro está firme
nos movimentamos
em espaços

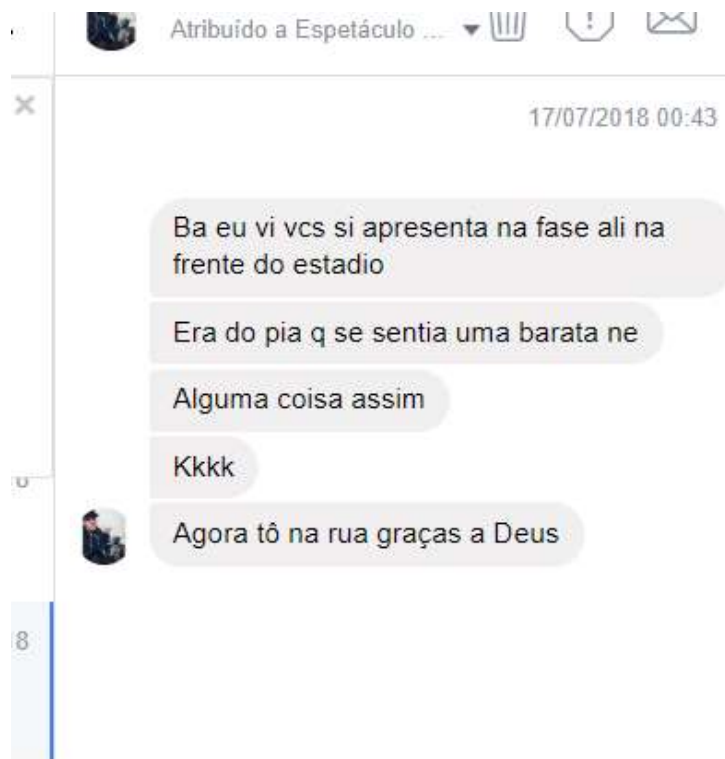
infinitos.

Saudações

Outros Gregors

Jordan Maia

Recebi uma carta eletrônica dizendo:



“...Kafkkkkk que ri
Desejo de asas
As baratas voam”

Av. despertar, metamorfose

agosto de 2019.

Carta 4

Fome de vida ou morte?

Meu amigo,

Escrevo à s custas de sensações pessoais,

Precoces e apressadas

Chegando ao extenso limite

Do que eu posso exprimir

Andei te observando,

Através

Dos escritos

Da Metamorfose

Me conte alguma coisa

Não sobre os outros

Mas sobre você

Não quer ser notado
Não quer fazer barulho
E nem criar problemas
Mas há um excesso de
Luz

Não fique a sombra desse corpo
Ele é muito brilhante
Mas não é sol
Você que é

A sua casa tá aí dentro
Não tem para onde fugir
Organiza

Olha para o seu corpo
Machucado pela falta de amor
De confiança
Não vê que ele
Merece
Atenção
Então,
Não rejeite o corpo ferido

Viver

Atreve-se?

Gregor

Desistir?

O que você está me dizendo?

Como nós baratas conseguimos sobreviver aos dinossauros?

Como sobrevivemos

Ao veneno e à perseguição?

Como continuamos rastejando diante de possibilidades

Esmagadoras?

Vou lhe dizer como: porque NUNCA DESISTIMOS

Uma barata de verdade nunca desiste

Eles podem nos pisar, podem nos estourar,

mas nunca nos impedirão

Algum dia a grande bomba vai cair,

e teremos todo o planeta para nós

Não importa se precisaremos de favores de todas as baratas,

pombos e ratos

da Cidade

Nós não desistiremos

Não se pode criar expectativas em seres humanos

Voa

Os outros Gregors

Esperam algo

Da

Gente

Esperam

Vida

Se uma tristeza se levantar

Na sua frente,

Tão grande como nunca viu;

Se uma inquietação

Lhe passar pelas mãos

E por todas as ações

Como uma luz ou a sombra

De uma nuvem

Deve pensar então

Que algo está acontecendo em si,

Que a vida não o esqueceu,

Que o segura em sua mão

E não o deixará cair

Por que deseja excluir
De sua vida
Toda e qualquer
Inquietação, dor e melancolia,
Quando não sabe como
Tais circunstâncias
Trabalham no seu aperfeiçoamento?

A vida perfeita não é perfeita?

Desejo
Que
Encontre
Paciência
Em si
Para
Suportar
E
Simplicidade
Para crer
Confiar
No que
É difícil

Entre
Outras coisas
Na sua
Solidão
No restante,
Deixe a vida
Acontecer
Acredite-me:
A vida tem
Razão em
Todos
os
casos

Que tudo lhe suceda bem, tracemos novos caminhos?

Seu
Jordan Maia

Rua Kairos, abstração do tempo.

setembro de 2019.

Carta 5

Abstração 1: sobre o tempo

Querido Gregor,

Decorreu muito tempo desde que enviei a última carta

Aliás é sobre o tempo que quero lhe falar

Essa abstração que nos conecta

escrevo essas simples abstrações sobre o tempo

ao som da canção "TIME" da banda inglesa Pink Floyd

peço que a escute enquanto entra dentro de si

através desta carta

O tempo é um instante

se pudéssemos ouvir pelo menos

nossa vozes

se pudéssemos chegar ao fim do mundo

e do tempo

o lugar onde nasce e

e morre

o arco-íris

Dizem que o

Tempo

Cura todas as feridas

Mas também destrói todas as coisas

lindas do mundo

transforma a beleza em cinzas

O tempo não é nada

Podendo ser tudo

O tempo não para

O tempo é uma ilusão

Ninguém compreende o tempo

O tempo é abundante

É um presente

Beijamos o tempo

A ponte do tempo cresce

Entre você e eu

E por onde vai?

No enterro de cada minuto

Pergunto:

O que morre e vive em nós?

Qual o tempo norteia e domina a nossa

Vida?

O tempo Kronos

rei do titãs

que tudo destrói

é previsível e quantitativo

Ou esquecimento do tempo Kairos

Divindade

Intuição do agir

Imprevisível

qualitativo

eu quero o tempo do

espírito livre

do desprezo

pelo dever

do despertar

de um desejo vulcânico

de peregrinar

de transcender

o tempo passa
perdemos tempo
gastamos horas
e você está aí
trancado
esperando alguém
ou algo
que lhe mostre
o caminho

você está
olhando
para fora
e é justamente o que
menos
deveria fazer
ninguém
pode
tirar você
daí
ninguém!
não há
se não

um caminho
olhar
dentro de você

tic tac, tic tac, tic tac.....

cansado de ficar deitado com o Sol lá fora

Ficar em casa vendo a chuva

Você é jovem e a vida é longa

E há tempo para matar hoje

E então um dia, você descobre

Que dez anos ficaram para trás

Ninguém te disse quando correr

Você perdeu a largada

E você corre e corre para alcançar o Sol, mas ele está se pondo

Dando a volta,

até surgir novamente atrás de você

O Sol é o mesmo, de forma relativa,

mas você está mais velho

Com menos fôlego e

um dia mais próximo da morte

Cada ano que passa fica mais curto

Parece nunca arranjar tempo

Planos que tampouco deram em nada

Ou meia página de linhas rabiscadas

Se apegando a um desespero

silencioso,
O tempo passou e a música acabou
Pensei que eu teria algo mais a dizer. (TIME, Pink Floyd)

Que o tempo lhe faça bem.

Jordan Maia

Rua dourada, **Ágape**.

outubro de 2019.

Carta 6

Abstração 2: sobre o amor

Amado Samsa,

Te escrevo sobre a luz da hora dourada

o crepúsculo

Curiosamente, momento perfeito para falar-lhe

de

Amor

É! O Amor!

você disse adeus

recusa o amor

aceite isso

então, talvez,

você volte a viver

amor é criação

morte é destruição

O amor está dentro
Dentro de tudo
Mesmo que você não queira

Não temos controle do amor,
É essência da vida
Está em você, está em tudo

O amor pode ser
triste
feliz
inesperado
imprevisível
sensual,
afetuoso
misterioso
consolador

O amor
é treva
é luz
é sol
é tempestade

Amor

também está na dor

razão de tudo

não tente viver

sem o amor

amar é bom

o amor é difícil

tem que aprendê-lo

o amor

é uma

ocasião

sublime

o amor,

por muito tempo

e pela vida a fora,

é solidão,

isolamento

cada vez

mais intenso

e profundo

o amor
pode moldar sua
vida

Você pode me contar sobre o amor?

Sobre o seu amor.

Seguimos...

Jordan Maia

Av. Escuridão, sombra da lua.

novembro de 2019.

Carta 7

Abstração 3: sobre a morte

Gregor Samsa,

Quero falar consigo brevemente,

embora quase nada

lhe possa dizer de prestimoso,

porém,

tem um sombra sobre mim

e dessa sombra aproveito para

falar-lhe da morte

Você se reconhece?

é estranho ver uma pessoa que não

se reconhece

você já morreu hoje?

Morte,

Carregada de mitologia

Causa tanta dor, inspira tanto medo

é medíocre, patética

Ridícula e sem poder

Sem autoridade para nada

Apenas para

Parar o

Nosso tempo

Morte

Caminho para a liberdade

Para o autoconhecimento

Qual seu tempo para a morte

Inseto?

quando um inseto morre

seu corpo encolhe.

Quando um inseto morre,

não sabemos se

é sua pele que foi trocada

ou se aquele

é realmente seu corpo seco.

Um corpo magro,
um corpo duro,
um corpo que
se esfarela
ao toque.

Um corpo que antes era asqueroso,
agora se transforma em nada.

Nascem,
crescem,
trocam suas peles,
morrem.

Talvez
sem nenhum propósito.

Ou com todos eles.

Se um dia nos encontrarmos, já estaremos curados.

Do Seu

Jordan Maia

Destinatário não encontrado.

dezembro de 2019.

Carta 8

A última carta

Prezado Leitor,

É natal,

Gregor nunca respondeu nenhuma
das cartas

Também não sei

Se quero

Que o faça

Só

Lhe desejo

Coragem e

sorte para

seguir

Ele estava preso num casulo.

Não... um casulo seria uma imagem ruim

pra descrever a situação.
Um casulo tem toda aquela coisa
da borboleta bonita
no final que sai voando
cheia de vida
pra polinizar o mundo.
Mas as borboletas vivem
cerca de duas semanas a um mês.
De que adianta todo
aquele tempo num casulo
fechado
pra uma existência de asas
tão curta?
Então, vamos pensar que ele também
poderia ser uma barata.
O esqueleto das baratas
está por fora dos seus corpos,
o exoesqueleto.
Essa palavra estranha é só pra
dizer que conforme elas crescem,
elas trocam de esqueleto.
Elas se modificam
por completo pra poder

continuar evoluindo.

Eu sentia a pele de Gregor
diferente,
ele precisava aceitar a mudança
pra se encontrar.

É como se nós tivéssemos
que ir pra poder descobrir que
não é lá,
nem aqui,
nem cá.
Temos que ir
sozinhos.
E nesses sozinhos,
estamos juntos.
E nessas metamorfoses,
encontramos a pele que melhor nos cabe...
é isso
pelo menos por enquanto.

Com votos de boas festas e saudações

Seu
Jordan Maia



REFERENCIAL POÉTICO:

CORA, Carina. **Metamorphosis: Versão Dramatúrgica Descritiva.** Porto Alegre. 2018

DELIGNY, Fernand. **Os Vagabundos Eficazes operários, artistas, revolucionários: educadores.** São Paulo. n-1 edições, 2018

FLOYD, Pink. **Time.** Álbum: The Dark Side of the Moon. Abbey Road Studios. 1973.
Link YOUTUBE: <https://www.youtube.com/watch?v=JwYX52BP2Sk>

NIETZSCHE, Friedrich Wilhelm. **A origem da Tragédia.** Lisboa:Lisboa Editora, 1999.

NIETZSCHE, Friedrich Wilhelm. **Assim falava Zaratustra: um livro para todos e para ninguém.** São Paulo: Escala, 2009

KAFKA, Franz. **A Metamorfose.** Tradução de Modesto Carone. São Paulo: Companhia das Letras, 1997.

PELBART, Peter Pál. **A Nau do tempo-rei: sete ensaios sobre o tempo da loucura.** Rio de Janeiro:Imago.1993

RILKE, Rainer Maria. **Cartas a um jovem poeta: a canção de amor e morte do Porta Estandarte Cristóvão Rilke.** Rainer Maria Rilke - 17. Ed - São Paulo: Globo, 1989.

YUKA, Marcelo. **Astronautas Daqui.** Rio de Janeiro: Leya, 2012.

ANEXO I

Versão Dramatúrgica Descritiva

Autora: Carina Cora (Todos os direitos reservados)

METAMORPHOSIS

Prólogo

Os atores estão em cena, porém escondidos atrás da mobília que compõe o cenário.

J – Isso é um grilo ou um gafanhoto?

C – Grilos dão sorte, eu espero que seja um grilo.

H – São todos insetos... Eu não gosto de insetos.

C – Eu não tenho medo de insetos.

J – Eu tenho.

H – Eu tenho medo só de um. Não lembro o nome agora...

J – A gente tem medo daquilo que a gente não conhece.

C – A gente tem medo daquilo que a gente conhece.

J – Mas isso é um grilo ou um gafanhoto?

H – Às vezes, eu espanto eles com vassoura, outras eu uso inseticida mesmo.

C – Eu pego na mão. Eles são estranhos.

J – Nós somos estranhos. Tá, mas isso é um grilo ou um gafanhoto?

H – Tanto faz, é tudo igual, é tudo inseto.

C – A gente não é igual, então não podemos presumir que os insetos sejam.

H – Eu acho que eles são iguais, então a gente também é.

C – A gente não é igual.

J – Mas é ruim ser igual?

C – Não é ruim. Mas é proibido ser diferente?

H – Pra mim é, e não tô nem aí pro que as pessoas pensam.

J – No fundo a gente se importa. Eu já parei pra pensar.... às vezes eu me sinto um inseto.

H – Eu sou sozinho.

C – Ninguém é sozinho.

H – Pessoas não gostam de insetos.

C – Eu sempre gostei de insetos.

J – Eu só quero me esconder.

C – Por que?

J – Porque eu sou um inseto.

C – Quer ajuda?

H – Não. Você não me entende.

J – Vocês são muito confusos. A vida é simples.

H – Então, me ensina.

C – Shhh! Eu quero ouvir...

J e H – O que?

C – O andar dos insetos.

Os atores andam pelo espaço batendo os pés em ritmo movendo cada peça do cenário durante diversos ciclos de 8 tempos. Primeiro vão-se a mesa e a cabine/banheiro para o fundo da cena. A cabine/banheiro torna-se também um tambor para um ator que nela se pendura. Os atores tapam essas mobílias com as grandes janelas, e por fim, colocam a cama/caixão em frente às janelas.

Os atores se posicionam com seus apetrechos e figurinos atrás da cama/ caixão, ainda no bater de pés. O som torna-se crescente. Eles sobem em cima da mesma em perfeita sincronia. Pausa e silêncio.

H – É uma barata! Esse é o bicho que eu não lembrava o nome.

C – Elas trocam de pele, você sabe o que significa trocar de pele?

J – Eu troco de roupa várias vezes ao dia.

H – E eu troco de roupa várias vezes na peça

C – Não é só de roupa que a gente troca. É de personagem mesmo.

Os atores, J, H e C, em pé sobre a estrutura sólida da cama/caixão, viram-se para um lado, outro, frente, trás, sempre em direções opostas uns aos outros. O que fica de frente é aquele de quem os outros estão falando.

Caminham em desencontros, atrapalhando-se.

H - Mãe, asmática, passa os dias no sofá. Não tem força suficiente pra lidar com situações de estresse. Chapéu e lenço.

C – Chefe, rígido como todos os chefes pensam que devem ser. Não suporta empregados vagabundos. Chapéu, paletó, óculos escuros e bengala.

J – Pai, não trabalha há cinco anos, preocupa-se demais consigo mesmo. Bruto. Roupão e boina.

C – Irmã, doce, apaixonada pelo irmão e pelo seu violino. Um vestido e flor no cabelo.

O fluxo corrido. Malas. Casacos colocados pela metade. Chapéus em mãos. H e J colocam o chapéu em sincronia. J passa a pequena mala para H. H passa o guarda-chuva para C, ela os olha. Coloca seu chapéu calmamente. Fazendo charme para os outros, ela recebe o guarda-chuva e o abre sobre sua cabeça.

J e H suspiram, pulam e sentam-se. Pausa. Eles começam a tamborilar cada vez mais forte, impacientes, ou a tremer a mão segurando o casado, C os olha ainda em pé. Desce lentamente com a sombrinha aberta, quase como uma provocação. J, que está em uma das pontas, tenta fugir e, C, ao descer, realiza a mesma tentativa. H os segura alternadamente. C inclina-se para J e lhe entrega sua grande mala. Todos se sentam e na monotonia de uma pausa, H decide tamborilar na mala. J coloca sua mão sobre a dele para imobilizá-lo. H recomeça, C o para também com a mão. H continua frenético, e J e C acabam por colocar as mãos sobre as de H. Parece uma competição de crianças para ver quem bate na mão do outro, e nesse frenesi chegamos a uma pausa. J abre a grande mala. Ao som do zíper, os outros inclinam-se para o lado contrário. No segundo som de zíper, inclinam-se para ver o que há na mala. J dá um cotovelo em H. Ele volta à posição normal. J começa a passar as coisas da mala, seu casaco, seu chapéu e até a sua camiseta freneticamente para H. Já H as passa para C, que começa a acumular uma pilha enorme de cacarecos em seu colo. C pega a camiseta de J por último com uma expressão de profundo asco.

Pausa.

C levanta-se e deixa tudo cair no chão. Grande baque.

Agora podemos perceber que C já assumiu o papel de Mãe, com seu lenço e chapéu. E H é o Pai, com seu roupão e boina. Saem de cena.

Primeira Jornada

Vemos J no papel de Gregor Samsa, desesperado a recolher seus pertences do chão e colocá-los na mala.

Gregor – Se eu escolher colocar tudo de novo pra dentro dessa mala, essa roupa apertada, esse relógio que faz a casa tremer ... Se eu escolher tudo isso, eu aceito a pele que dizem ser minha... Viver viajando é fatigante, mas não poderia viver sem viajar. Então, eu vou escolher subir de novo nesse trem para que as coisas continuem em movimento. É isso. Pelo menos por enquanto.

Gregor, então, senta-se na ponta da cama/caixão, de lado, sacudindo-se. Esse recurso nos dá a sensação de que ele está em um trem. Projeção das janelas para frisar a imagem do trem.

Gregor sai da locomotiva e se encaminha para as janelas, essas já haviam se separado para ficar em diferentes diagonais do palco. Gregor vai à janela com sua mercadoria, os tecidos. O comprador está na janela, de perfil, emoldurado por um tecido branco. Ele olha os tecidos do vendendor. Escolhe e compra. Gregor vai para a segunda janela. Faz o mesmo processo de venda.

Gregor retorna à cama/caixão e senta-se como se estivesse novamente no trem. As janelas retornam à posição frontal, conectam-se. C e H puxam as janelas juntas para trás da cena, e as separam ao fundo, colocando a cortina entre elas a formar uma tela.

Gregor anda em direção à tela entre as janelas. Ele hesita nessa porta de casa improvisada.

Enquanto isso a Empregada e o Pai arrumam a casa. Quando a Empregada termina de colocar a cama/caixão no lugar, Gregor atravessa o pano/porta. Pai coloca-se dentro da cabine/ banheiro.

Gregor entra em casa, encontra-se com a empregada. Giram. A empregada leva seu carrinho para o lado da cabine, vai para a mesa, e transforma-se em Mãe. Pai espia pela janela da cabine/banheiro duas vezes.

Gregor levanta a cama/ caixão, larga sua mala, bate na porta do banheiro, entrega dinheiro ao pai, senta-se de volta na cama. Vai até à Mãe na mesa e faz carinho em seus cabelos. Gregor sobe na mesa em pé, a mãe está sentada sobre a mesa, olha-o. Ele desce para o colo da mãe, vemos uma figura que remete à Pietá. Ambos descem da mesa e começam a dançar.

O Pai vira a cabine e sai por de trás dela para transformar-se em Irmã. Esta vai até a mesa, Gregor a pressiona contra a parede com a mesa. Ele entra embaixo da mesa. A Irmã e a Mãe giram a mesa com ele embaixo. Gregor pega o pano da mãe sobre a mesa e se esconde sob ele. A Mãe retira o pano de cima de Gregor e o joga ao chão. Ela e a Irmã tiram os figurino das personagens, tronando-se atores e puxando a mesa para o lado. Enquanto trazem a mesa, Gregor puxa a cama/ caixão virada para o meio do palco. Ele se coloca dentro dela e se cobre com a mala. Os outros atores começam a empilhar toda mobília em uma estrutura em cima de Gregor. Há um pano na estrutura no qual será projetada a primeira frase do texto de Kafka.

Quando certa manhã, Gregor Samsa acordou de sonhos intranquilos, encontrou-se em sua cama metamorfesado em um inseto monstruoso.

Gregor – Não é um sonho. Eu não consigo me mexer! O que aconteceu comigo? Não é um sonho. Já é sete horas! Mas e o despertador? E o trabalho? E o chefe? Eu não consigo me mexer! E essa neblina que nunca cessa?

O despertador toca. Mãe bate na mesa como se estivesse a bater na porta de Gregor. Levanta-se batendo algo em uma tigela.

Mãe – Gregor, Gregor, meu filho, acorda!

Pai batendo na porta.

Mãe se aproxima da cama/caixão.

Pai batendo na porta.

Mãe - Vai perder o trem!

Pai – Gregor, Gregor, o despertador já tocou!

Mãe se encaminha para a cabine/banheiro. Coloca seu rosto na janelinha.

Mãe – O que aconteceu com ele?!

Pai dá de ombros. Mãe retorna à mesa batendo as claras em neve. Pai limpando a cabine/banheiro com a escovinha. Campainha toca. Olham para a porta, largam a escova e a tigela no chão ao mesmo tempo, com espanto. Pai e Mãe se olham, ajeitam a cabine/banheiro e a mesa. Colocam – se um na frente de cada janela e abrem a porta. Entra o chefe sem mostrar o rosto, em linha reta, vira-se de costas para o público e de frente para os pais.

Gerente – Bom dia! O senhor Samsa está? Eu sou o gerente do escritório.

Silêncio dos pais. Pais vão para a cama/caixão.

Gerente - Eu poderia falar com ele?

Silêncio dos pais. Chefe anda em direção aos pais, eles recuam movendo a cama/caixão.

Gerente – Sentimos a falta dele hoje.

Os pais se colocam um de cada lado da cama/caixão.

Mãe- Filho, seu gerente está aqui!

Gerente – Senhor, Samsa.

Pai – Gregor, abra a porta! Vamos!

O gerente se coloca ao lado da porta também, ainda de costas para o público.

Gerente – Você não está cumprindo com o seu dever.

Mãe – Abra a porta, filho.

Gerente – Você recebeu dinheiro ontem e hoje não foi trabalhar?

Pai – Gregor!

Gregor – Não consi... grgrgrgrgrgrgrgrgrgrg me mexer!

Gerente – Vocês ouviram? Parece um barulho de um animal! Não dá pra entender nada.

Mãe e Pai começam a manipular o boneco de Gregor que está dentro do quarto.

Gerente – O que é isso? Que horror!

Mãe – Calma, calma...

Sai correndo.

Gerente – Não, ele não precisa mais voltar!

Sai de cena.

Monólogo interior do Pai e da Mãe ao lado da cama/caixão. Quem fala vira para frente e para trás, olhando o público. A outra pessoa caminha de um lado para o outro.

Pai – Nós precisamos dessa renda. É aluguel, é esposa, é filha... E agora ele se tranca nesse quarto e dá uma de louco? Eu espero que algo realmente sério tenha acontecido!

Mãe – Meu filho não está bem, não está bem... Nunca pensei que Gregor me causaria tanta preocupação!

Neste meio tempo, o ator que faz Gregor retorna à cama sem o público ver. O pai e a mãe batem na porta e falam com ele, girando a cama/caixão. Cada giro revela Gregor em uma posição diferente.

Mãe – Gregor, abra essa porta.

Vira. Bate.

Pai – Meu filho, o que está acontecendo?

Vira. Bate.

Mãe – Gregor, saia desse quarto!

Vira. Bate.

Pai – Gregor, eu vou derrubar essa porta!

Vira. Bate.

Mãe – Gregor, saia já daí!

Começam a girar sem pausa, rotando a cama/caixão. Gregor cai para fora do caixão. Pais se assustam, congelam no susto. Gregor se move. Pai se vira, Mãe coloca a cama/caixão sobre as costas do Pai. Eles seguram a cama/caixão como uma caixão e colocam sobre o carrinho de limpeza. Vão para a mesa e comem o que a Mãe batia na tigela. Comem com indiferença, como se nada tivesse acontecido. Quando colocam a colher na boca se abaixam, depois sobem, enquanto um abaixa o outro está de pé, leve movimento de joelhos. Gregor esconde-se embaixo da mesa. Gregor bota as mãos sobre a mesa e leva vários tapas dos pais, como um inseto. Os pais retiram os pratos da mesa. Pai retorna à cabine/banheiro.

Segunda Jornada

Gregor puxa a toalha de mesa para esconder-se.

Gregor – Esses móveis que antes eu via de cima, agora me causam agonia. Tudo que eu quero é me esconder da luz pra que ninguém possa me ver. Assim, talvez, doa menos.

Ele caminha com a mesa para o centro indo atrás da Mãe e do Pai.

Gregor – Mãe! Pai!

Não há resposta. Irmã sobe sobre a mesa com o violino e toca para Gregor. Ele está embaixo da mesa, emocionado. Eles desencontram o olhar. Depois encontram o olhar. Pausa, se olham.

Greta – Gregor?

Gregor emite um grunhido. Se esconde envergonhado. Greta ouve o barulho do pai na cabine. Está virada para um lado, Gregor sai pelo outro. Se esconde na cabine/banheiro, entrando pelo buraco. A irmã se vira e vê o pai. O pai passa, ela continua tocando. Ela desce, olha embaixo da mesa, não vê Gregor e sai.

Pai retorna com a mesa como se fosse um jornal.

Pai – A economia não está bem, não está bem, não está bem...

Andando para trás.

Pai - Os tempos estão complicados. Se o Gregor não melhorar logo vamos ter que usar as reservas. Nunca me permiti faltar o trabalho desse jeito!

A empregada pede dinheiro para o pai, colocando-se ao lado da porta. O Pai nega. Ela sai indignada com o carrinho. Pai senta-se na cama/caixão. Entra a Mãe com o cabideiro. Se despem dando texto como atores.

C – O tempo é um contínuo, um movimento que não cessa. A família Samsa acorda, se veste , passa o café, toma o café, come, dorme, acorda, se veste, passa o café, toma o café...

H – A mãe costura sua roupa e tosse na mão; costura e tosse. Greta toca o violino e limpa o quarto, toca e limpa. O pai lê o jornal e reclama; lê e reclama.

C – Um ciclo interminável. A família Samsa está presa na sua rotina, no seu silêncio. No tempo que passa parecendo não passar, porque todos os dias são iguais.

H – Há pessoas que criam rotinas para gerar uma falsa sensação de proteção.

C – A família Samsa era ótima nisso.

H – E com toda essa metamorfose, o dia a dia dos Samsa precisou se modificar.

Pai veste-se com a roupa do trabalho. Irmã lhe entrega o chapéu.

Irmã – Bom trabalho, Pai.

Todos saem de cena. Barulhos de Gregor. Irmã entra, senta-se na cama/caixão comendo e cantarolando.. Há um barulho na cabine/banheiro. Ela levanta-se de salto. Percebe a fome de Gregor. Entrega a tigela na portinha da cabine. Aparece a mão de Gregor, ele puxa o recipiente. Devolve a bacia vazia. Irmã corre para alimentar Gregor várias vezes, ele não come mais, a irmã fica cada vez mais zangada. Projeção sobre a cabine/banheiro. A Mãe entra e sobe sobre a cama/caixão.

Mãe – Filho, andei conversando com sua irmã. Ela disse que você precisa de mais espaço, que seria bom retirarmos os móveis do seu quarto. Mas, retirando os seus móveis, não é como se estivéssemos renunciando a qualquer esperança de melhora e o estivéssemos abandonando à própria sorte? Queria manter o quarto igualzinho para quando você melhorar e voltar para nós. Assim, nós vamos poder esquecer tudo mais facilmente. Mas, talvez, sua irmã...

Vira-se e vê Gregor descendo pela parede do quarto.

Mãe – Filho?! Gregor, desce daí!

Coloca-se ao lado da cabine/banheiro. Gregor escorre pela parede. A mãe desmaia.

Gregor espia através da cama/caixão. Pai compreende que a culpa do desmaio da Mãe é de Gregor. Começa o sapateado/ espancamento. Pai pega a mãe desmaiada e a carrega no colo, levando ao fundo do palco de costas para o público.

Terceira Jornada

Gregor está na cama/caixão. Pai vira a cama/caixão. Gregor cai. Pai leva a cama/caixão e Mãe pega a cabine/banheiro. Eles constroem o espaço enclausurador de Gregor. Gregor entra no seu quarto. Entra a atriz/empregada e transforma as janelas e o pano no ambiente dos 3 inquilinos com a mesa em sua diagonal. Pai na mesa.

Pai – Eu pensei que poderia contar com o Gregor. Trabalhei a vida inteira, e tudo que eu queria agora, era descanso. Mas não. Eu me sinto preso dentro do meu uniforme e da minha própria casa, que nem mais tão minha é. Alugamos metade da propriedade. É como se um muro invisível tivesse sido construído da noite para o dia. Ainda bem que temos o quarto de Gregor como depósito. Mas agora chegou a hora de entreter os inquilinos à mesa. Mais uma de minhas submissões que se tornaram hábito.

Pai caminha da cabine/banheiro à mesa. Bate os pés, fazendo sala para os inquilinos. Inquilinos feitos por projeção.

Pai – Esse dever familiar que essas botas sujas de sangue fazem questão de me lembrar é a razão pra eu suportar Gregor. Suportar, e nada mais. Tive que contratar uma empregada pra minimizar os efeitos de Gregor. E isso é ainda um custo a mais.

Entra a empregada, com o carrinho lotado e joga as tralhas em cima de Gregor. A Empregada volta com o carrinho, Pai senta-se no carrinho. Empregada vira Irmã e retorna à cena com o violino. Ela toca, Gregor espia, prestando atenção. Ele sai pelo buraco, vai para baixo da mesa, espia. Faz a mesma cena com a irmã realizada na Segunda Jornada enquanto ela toca violino. Eles ficam frente à frente, olho a olho. Porém, ela grita quando ele encosta nela.

Irmã – Se você fosse mesmo o Gregor, você já teria ido embora daqui.

Pai o arrasta para o carrinho e o leva para o quarto.

Pai – Eu sinto muito pelo inconveniente, senhores. Continue, Greta!

Pai volta, reestabelece a ordem, toca violino. Irmã e Pai olham os inquilinos irem embora, eles começam a se transformar em atores, se despindo. Escondem o carrinho e a mesa. Ajeitam as janelas como trem.

H – Quando um inseto morre seu corpo encolhe. Quando um inseto morre, não sabemos se é sua pele que foi trocada ou se aquele é realmente seu corpo seco. Um corpo magro, um corpo duro, um corpo que se esfarela ao toque.

C – Um corpo que antes era asqueroso, agora se transforma em nada. Nascem, crescem, trocam suas peles, morrem. Talvez sem nenhum propósito. Ou com todos eles. Uma metamorfose ambulante.

Cantam em coral. Gregor está morto.. Música. Os atores ficam na frente de Gregor. Ele troca de roupa voltando a ser ator. Três atores de costas na diagonal. J vai para o centro da cena.

J – Ele estava preso num casulo. Não... um casulo seria uma imagem ruim pra descrever a situação. Um casulo tem toda aquela coisa da borboleta bonita no final que sai voando cheia de vida pra polinizar o mundo. Mas as borboletas vivem cerca de duas semanas a um mês. De que adianta todo aquele tempo num casulo fechado pra uma existência de asas tão curta?

Então, vamos pensar que ele também poderia ser uma barata. O esqueleto das baratas está por fora dos seus corpos, o exoesqueleto. Essa palavra estranha é só pra dizer que conforme elas crescem, elas trocam de esqueleto. Elas se modificam por completo pra poder continuar evoluindo.

Eu sentia a pele de Gregor diferente, ele precisava aceitar a mudança pra se encontrar.

É como se nós tivéssemos que ir pra poder descobrir que não é lá, nem aqui, nem cá.

Temos que ir sozinhos.

E nesses sozinhos, estamos juntos.

E nessas metamorfoses, encontramos a pele que melhor nos cabe...

Pelo menos por enquanto.

Os outros atores desmancham o quarto de Gregor durante seu texto. Permanece apenas a cama/caixão.

Atores – Depois da morte de Gregor, a família Samsa decidiu tirar aquele dia de folga. Recostados no conforto dos bancos do bonde que ia para o parque, conversaram sobre as perspectivas de futuro e descobriram que elas não eram nada más, pois tinham empregos estáveis e vantajosos. Tinham planos de vender a casa e comprar um novo apartamento. Sr. Samsa e Sra. Samsa se olharam e viram, na beleza da filha, um futuro casamento. E pareceu-lhes como que uma confirmação dos seus novos sonhos, quando, no fim da viagem, Greta se levantou e espreguiçou o corpo jovem.

Os atores Clarissa e Henrique vêm com as roupas dos personagens. Jordan vai ao fundo, também pega a roupa. Se vestem. Viram juntos de costas para o público. Greta sobe de frente para o público com o violino.

FIM

ANEXO II



Sinopse:

Metamorphosis, inspirado na obra *A metamorfose*, de Franz Kafka, apresenta a história de Gregor Samsa, um filho que se vê obrigado a suportar todas as despesas da família e que, certa manhã, ao acordar de sonhos intranquilos, constata que se transformou num inseto-monstruoso. De início, as suas preocupações centram-se na estranha metamorfose e na impossibilidade de cumprir as obrigações profissionais, mas, perante a repulsa dos pais, Gregor inicia um complexo processo interior de mutação, que o conduz a uma análise obsessiva do seu contexto familiar e social.

A temática proposta por Kafka permanece atual - apesar do texto ter sido publicado em 1915, apresentando temas característicos da sociedade contemporânea, tais como a crise existencial, a desesperança do ser, o pessimismo, as rejeições e os julgamentos, a ausência de respostas, a solidão, a impotência e a fuga (temas recorrentes da literatura do escritor tcheco).

O espetáculo dialoga com a obra literária, apresentando uma irônica metáfora sobre o absurdo da condição humana. Nele, os atores dialogam com os dispositivos cênicos, figurinos e bonecos, fazendo com que o espaço e os elementos de cena se metamorfoseiem tanto quanto o protagonista.

Duração: 50min Classificação: 12 anos

► FICHA TÉCNICA:

Direção: Carolina Garcia

Assistente de Direção: Cris Werlang

Dramaturgia: Carolina Garcia, Carina Corá

Elenco: Clarissa Siste, Jordan Maia, Thiago Ruffoni

Criação de Vídeos Multimídias: Mauricio Casiraghi

Adereços e Bonecos: Marcos Nicolaiewsky

Cenografia: Rodrigo Shalako

Finalização de Cenografia: Ana Girardello

Figurino: Daniel Lion

Trilha sonora: Sergio Olive

Criação de Luz: Luana Pasquimel

Identidade Visual e Fotografia: Jéssica Barbosa

Sonoplastia: Dudu Xavier

Consultoria de Produção: Carolina Garcia

Produção: Jordan Maia

Realização: IN-Coletivo Cênico

Teaser do espetáculo: <https://youtu.be/zD3CQTTQA4U>

Crítica Antônio Hohlfeldt (Jornal do Comércio):

https://www.jornaldocomercio.com/_conteudo/colunas/teatro/2018/12/659474-renovacao-de-ar.html

Prêmios: O espetáculo Metamorphosis foi indicado ao **Prêmio Açorianos de Teatro 2018 nas categorias: Melhor Cenário e Melhor Figurino.**



Créditos: Jéssica Barbosa



Créditos: Jéssica Barbosa



Créditos: Jéssica Barbosa



Créditos: Jéssica Barbosa